

## MÉXICO 1968: O MASSACRE DE TLATELOLCO E A UNIVERSIDADE LATINO-AMERICANA

*Everaldo de Oliveira Andrade\**

### **Resumo**

Sobre o emblemático ano de 1968, pouco se tem falado da América Latina e em particular do massacre estudantil em Tlatelolco no México. O artigo tem como objetivo central demonstrar – no conjunto das mobilizações mundiais em 1968 – que Tlatelolco foi uma síntese sangrenta de muitas contradições que corroíam não apenas o sistema político e universitário mexicano, mas revelavam traços comuns e contraditórios do desenvolvimento econômico do capitalismo na América Latina. Um dos traços dessa originalidade foi o movimento autonomista universitário presente no desenvolvimento histórico das universidades latino-americanas até a década de 1960 e que será questionado juntamente com o sistema político corporativo mexicano.

### **Palavras-chave**

1968; Tlatelolco; universidade latino-americana; movimento estudantil; México.

### **Abstract**

*Regarding the emblematic year of 1968, little has been told about Latin America, and specially about the student massacre in Tlatelolco, Mexico. The present article has the aim of demonstrating – in the pannel of worldwide mobilizations of 1968 – that Tlatelolco has been a sanguinary synthesis of several contradictions that corroded not only the political and academic Mexican system, but also revealed common and contradictory traits of the economic development of capitalism in Latin America. One trait of this originality has been the academic autonomist movement, present in the historical development of Latin American universities until the 1960 decade, which will be questioned together with the Mexican political corporative system.*

### **Keywords**

*1968; Tlatelolco; Latin American university; student movement; Mexico.*

Há muitas questões a propor sobre as revoltas do ano de 1968. Inúmeras abordagens já buscaram caracterizar esse momento pela sua suposta originalidade, que teria sido caracterizada principalmente por uma explosão revolucionária e cultural original da juventude. Essas abordagens buscam, invariavelmente, esvaziar o conteúdo político profundo da época e no momento em que uma crise econômica aguda do capitalismo se alastrava, dando um peso histórico maior aos movimentos revolucionários que se condensavam em 1968.

O ano de 1968 foi marcado por uma vaga revolucionária nos quatro cantos do planeta: das greves operárias e estudantis do Maio francês, da passeata dos Cem Mil no Brasil contra a ditadura ao massacre dos estudantes mexicanos em Tlatelolco no México em 2 de outubro. A luta de classes que mobilizava as massas contra a opressão imperialista nos EUA (Guerra do Vietnã) também levantava os operários e jovens do Leste europeu. Nesse contexto, a América latina foi em geral abordada apenas marginalmente. Nosso objetivo aqui não é, porém, localizar o lugar singular da história do continente latino-americano no conjunto geral do processo, que apenas reforçaria uma visão estereotipada e carregada de estigmas sobre a região. O massacre de estudantes no México em 2 de outubro de 1968 foi uma síntese sangrenta de muitas contradições.

Entre os inúmeros disparates escritos e falados sobre 1968 há tentativas de transformar essas heróicas jornadas em idílios da juventude pequeno-burguesa. Para Olgária Matos, por exemplo, em 1968 “houve uma contestação do poder, mas totalmente inédita como experiência política do imaginário coletivo”. Teria desaparecido desse movimento o horizonte revolucionário no sentido bolchevique de política:

Acho que não haverá mais revolução porque desapareceram as utopias também [...] na França a primavera de maio tomou cores inéditas invertendo a prática do marxismo, como sua teoria. [...] Em 1968, o próprio movimento de jovens operários e estudantes praticou a espontaneidade consciente e criadora [...] O movimento de 1968 colocou por terra o bolchevismo imaginário do Palácio de Inverno. Essa não foi uma luta pelo poder ou contra ele. Afirmou-se, ao contrário, os direitos da subjetividade e da espontaneidade consciente.<sup>1</sup>

Na mesma perspectiva Nicolau Sevchenko 1968 teria negado o sujeito político, o processo e a própria História:

Não era uma revolução pelo poder, nem contra ele, mas uma revolução para instaurar um espaço diferencial que não era nenhum poder, nenhum contrapoder, que era esse cotidiano eufórico... [...] Acho que 1968 não é um evento histórico e nem deve ser transformado em um, porque não é um fato fechado, não é uma efeméride justamente no sentido de que não conquistou absolutamente nada porque não quis, e por isso mesmo que ele libertou e criou a possibilidade de libertar, já que não desejava absolutamente nada a não ser a si mesmo, no sentido em que não fez circular esperanças.<sup>2</sup>

Mas havia História, confrontos políticos e sociais verdadeiros, mobilizações, reivindicações. Milhares morreram lutando naquele ano, um interregno mundial de revoluções sucessivas e interligadas – que incomodaram e fizeram tremer o capitalismo. Foi um momento da História que muitos gostariam realmente de esquecer ou de diluir como idílio imaginário de jovens bem nascidos. O mito da juventude naturalmente rebelde e apolítica serve para esconder o real teor político, internacionalista, dos movimentos, dos quais a América latina sangrou suas feridas, o México em particular. “Existia todo um clima cultural, mas era um clima que em grande medida girava em torno de eventos de caráter político e, como uma ruptura política, significou também uma ruptura das idéias, dos costumes, da cultura. Uma renovação do pensamento político, mas do pensamento teórico também”.<sup>3</sup>

#### *Uma vaga revolucionária mundial em 1968*

Existe uma tentativa de cobrir a luta política dos movimentos operários e o seu caráter internacionalista em 1968, como uma luta européia e cultural da juventude. Muitos dos autores realmente viram 1968 apenas como uma rebelião cultural ou uma crise das universidades buscaram desviar o foco das questões colocadas. Na verdade, tratava-se, pelo menos na França, de uma crise política maior do regime político francês. O regime gaullista fora fruto de um golpe de Estado em maio de 1958. O governo havia sido derrotado pela mobilização contra a guerra na Argélia e em 1963 os mineiros foram os primeiros a realizar uma greve que fez o governo recuar. Essa situação também se associava à tentativa do governo de retirar os direitos da previdência social dos trabalhadores, uma conquista de 1947. Havia, portanto, uma série de mobilizações que acumulavam energia revolucionária e que começava a favorecer a esquerda, especialmente o Partido Comunista, que registrara um crescimento espetacular em março de 1967.<sup>4</sup> O regime, por isso, ampliava suas características antidemocráticas atacando as reivindicações populares, impondo arrocho salarial e buscando disciplinar os sindicatos.

Os estudantes franceses também tinham motivos concretos para estar aborrecidos com a situação. A crise na universidade francesa era um aspecto da crise geral do capitalismo. O número de alunos franceses crescera de 150.000 em 1956 para 605.000 em 1967 e a universidade produzia mais profissionais do que o mercado podia absorver. O governo pretendia limitar o número de universitários desqualificando os diplomas. Em janeiro de 1968, o ministro da Educação declarava que havia muitos estudantes na universidade. Esses estudantes eram ao mesmo tempo partes do setor mais sensível da sociedade para os acontecimentos internacionais: a ofensiva vietnamita, a resistência ao recrutamento nos EUA, a repressão aos estudantes da Alemanha.<sup>5</sup> A conjuntura internacional favoreceu

e projetou a explosão do movimento francês de maio.

Na China, a revolução cultural, iniciada em 1966, tinha um sentido democrático radical, igualitário e anti-elitista que impactava muitos setores jovens. Nos EUA, ocorreram grandes agitações contra a guerra do Vietnã, os jovens rasgavam suas papeletas de convocação e muitos fugiam para o Canadá. Nessa época, os Beatles lançaram um disco nos EUA com uma capa em que eles estavam vestidos de branco como açougueiros e cobertos com pedaços de carne em uma crítica à guerra do Vietnã. Havia também movimentos dos negros pacifistas de Luther King e aqueles que pregavam a luta armada, como os Panteras Negras, que haviam traduzido o “Manual do guerrilheiro urbano” de Carlos Marighella. Em abril de 1968, Luther King era assassinado, o que radicalizou o movimento negro nos EUA. Aconteceu a ofensiva dos vietnamitas, a ofensiva TET ou ano novo lunar, que provocaria a derrota do exército mais poderoso do planeta. No Vietnã, a revolução terminou com a invencibilidade militar dos EUA. A capacidade de resistência e luta extraordinária do povo vietnamita derrotou o gigante do norte, provocando uma virada incontornável da situação internacional e da própria História. A potência militar que colocara quase 800.000 soldados no pequeno país perdia a guerra.

O controle que o stalinismo exercia sobre as organizações da juventude auxiliava na manutenção da ordem. Isso explica em parte porque a juventude francesa, que não havia experimentado as derrotas da classe operária e nem era controlada pelo stalinismo, pôde levantar a cabeça e lutar com liberdade por suas reivindicações. Surgiram vários grupos políticos de esquerda nas universidades que foram perseguidos e caluniados pelos stalinistas. A mobilização estudantil começou no dia 3 de maio no pátio da Sorbonne a partir de um comício chamado pela UNEF (União Nacional dos Estudantes Franceses). A administração foi ocupada pelos estudantes em protesto contra a prisão dos membros do “Comitê contra a guerra do Vietnã” em Nanterre, dando origem ao “movimento 22 de março” animado por Daniel Cohn-Bendit. No dia 3 de maio, é ocupada a Sorbonne e vários ativistas são presos pela polícia. Ocorrem combates de rua nos dias 5, 6 e 7 de maio e surgem barricadas no famoso Quartie Latin.<sup>6</sup> No dia 6, desencadeia-se a mobilização pela greve geral e no dia seguinte os estudantes universitários e secundaristas se manifestam nas ruas cantando a Internacional, empunhando bandeiras vermelhas e cartazes de Ho Chi Mihn e Che Guevara. No dia 10 de maio, formaram-se barricadas com apoio maciço da população.

Nesses acontecimentos, o partido comunista teve sempre um papel abertamente contra-revolucionário e o seu jornal – *L’Humanité* – afirmou na ocasião que os estudantes eram apenas burgueses que não tinham nada a ver com a classe operária.<sup>7</sup> Foi publicado no dia 3 de maio o célebre artigo “Falsos revolucionários a serem desmascarados”, onde

se afirmava que “os esquerdistas que se agitam em todos os meios seguem os interesses do poder gaullista e dos grandes monopólios capitalistas. Trata-se, em geral, de filhos de grandes burgueses que desprezam os estudantes de origem operária”. Mas a agitação nas fábricas obriga o PCF a mudar de tática. No dia 8 de maio, o partido stalinista é obrigado a anunciar seu apoio aos estudantes. No dia 14, começa uma onda de greves espontâneas com ocupação de fábricas e o movimento se amplia para Franceinter. A mobilização estende-se com a adesão de operários e camponeses. No dia 16, o símbolo maior do movimento operário francês, a fábrica Renault, inicia greve, aprofundando a solidariedade entre os operários. Comitês de greve começam a surgir, dando continuidade à mobilização que ganhava a cada dia um caráter mais político. Nesse momento já há 10 milhões de trabalhadores em greve geral, ainda que não decretada pelas centrais sindicais. A situação torna-se abertamente revolucionária. O Partido Socialista e o Partido Comunista entram em cena e se esforçam para bloquear esse impulso em direção à revolução.

O caráter revolucionário da crise é confirmado pela fuga de Gaulle para a Alemanha, de onde ele só retorna no dia 30 de maio, prometendo eleições gerais desde que a greve seja suspensa. O PC e o PS aceitam a proposta. A greve continua, mas vai se dispersando. No dia 11 de junho, três operários da Renault são mortos em manifestações. No dia 27 de maio, o aparelho stalinista entra em negociações com governo, mas os grevistas não aceitam o fim da greve. A burocracia stalinista age durante o mês de junho para quebrar o movimento. Dividida, a classe operária vê sua unidade se desarticular, o que permite ao governo retomar o controle da situação.<sup>8</sup> Os dirigentes do PS e do PC buscam preservar o regime propondo uma moção de censura no parlamento que, derrotada, ajuda a confirmar o governo.

O movimento de massas queria e podia ir muito além dos seus objetivos iniciais. Para contê-lo, o governo, em acordo com os aparelhos políticos do PC e PS, foi obrigado a fazer várias concessões. Os grevistas queriam a dissolução da Assembléia Nacional e a convocação de eleições gerais, o que era possível. A direção sindical proclamou como suas as concessões recebidas para conter a revolução: um aumento de 35% do salário mínimo, equiparação dos salários agrícolas com os industriais, reconhecimento legal da representação sindical nas empresas, pagamento de 50% dos dias parados, promessa de redução da jornada de trabalho e de garantia de emprego. Houve ainda conquistas democráticas importantes, como o direito ao aborto. A reforma educacional foi enterrada. No ano seguinte, de Gaulle foi derrotado com 55% de votos Não e obrigado a afastar-se da vida política. Mais do que isso, a onda de maio foi longa e estimulou desenvolvimento da luta de classes internacional.<sup>9</sup>

Se, aparentemente, o governo de Gaulle saíra vitorioso dessa greve geral, isso ocorria porque, de um lado, havia a burguesia e os aparelhos do PC e do PS obrigados a fazer várias concessões e, de outro, a classe operária sem as suas principais organizações. Era o início clássico de uma revolução, mas em que os operários não conseguiram organizar seus próprios órgãos de poder e ficaram com poucos pontos de apoio para agir. Nesse sentido, a idéia muitas vezes difundida de que o movimento de 1968 foi original porque não possuía organização é extremamente reacionária. É um argumento de má-fé identificar as organizações operárias e estudantis com a esclerosada burocracia stalinista e outras direções políticas reacionárias. Ignoravam-se aqui as organizações políticas e sindicais forjadas por décadas de luta do proletariado. Os anarquistas e libertários ofereciam em seu lugar a idéia de uma elite fornecedora de conselhos aos que teriam que agir em seu nome, ou seja, os trabalhadores. Os novos libertários tomavam o lugar da burocracia que diziam combater.

#### *Cai a máscara da burocracia stalinista*

O papel exercido pelo PCF na França, ao colaborar para conter a onda revolucionária, precisou ser multiplicado no leste europeu. As mobilizações de 1968 na Tchecoslováquia constituem uma revolução política operária contra a burocracia. A Tchecoslováquia era um dos países mais industrializado do Leste europeu, com uma tradição operária forte e enraizada. No final de 1967, crescia a agitação entre operários e estudantes. O partido comunista busca manobrar e coloca Alexandre Dubcek como novo secretário-geral em janeiro de 1968. Ele propõe um “socialismo com face humana” e mais liberdades políticas. As massas agarram-se à pequena abertura para tomar as ruas, avançar reivindicações e exigir o fim dos privilégios da burocracia. O movimento sai do controle do governo e coloca em alerta Moscou. A partir de março de 1968 começou a se desenvolver uma série de organizações operárias autônomas, conselhos operários formados nas fábricas, um parlamento estudantil, a união dos jornalistas e a dos escritores editando jornais independentes.

A decisão de esmagar a revolução em marcha é tomada. Uma repressão brutal é executada em agosto pelos burocratas-policiais stalinistas. No dia 21 de agosto, ocorre a contra-revolução burocrática, com a ocupação do país pelas tropas do pacto de Varsóvia. Os tanques tomam as praças, milhares são presos e centenas de milhares de militantes são excluídos do partido, condenados sem processo, presos, forçados ao desemprego e tendo suas famílias perseguidas. Dubcek negocia um acordo contra as massas mobilizadas que acreditavam em sua proposta reformista, com o objetivo de enterrar o movimento e manter o controle da burocracia stalinista.

No mesmo período, irradiam-se mobilizações na Polônia, na própria Rússia e Alemanha oriental. A resistência continuou, apesar dos tanques e da polícia política. Como afirmou Pierre Broué: “milhões de pessoas calam-se, sem dúvida, mas não apóiam, como numa situação ‘normal’, a burocracia”. “Sobretudo, nem os desaforos pessoais ou familiares – nem as condições de vida espantosas, nem as ameaças de condenações conseguem ‘quebrar’ os militantes que continuam a exigir as realizações da ‘primavera de Praga’ e, particularmente, o combate pelos direitos e liberdades democráticas”.<sup>10</sup>

A primavera de Praga não foi contra o socialismo, mas contra a burocracia stalinista que sufocava o poder operário. O movimento de Alexandre Dubcek conformou uma corrente reformista dentro do partido comunista. Muitos acreditaram na possibilidade de uma reforma da burocracia ao ser proposto um “socialismo com face humana”. Após a intervenção russa, prisões, espancamentos e execuções, foram libertados os burocratas presos com o objetivo de tentar obter uma “normalização”. O elo frágil do movimento foi, porém, a dificuldade para tornar consciente e organizada a mobilização das massas populares, movimento esse bloqueado pela própria burocracia.<sup>11</sup>

Os ventos revolucionários de 1968 que envolveram a América Latina incorporaram os traços próprios do desenvolvimento histórico da região. O massacre estudantil de Tlatelolco no primeiro plano concentrou os impasses em que se chocavam as tradições autonomistas das universidades latino-americanas com a degeneração do projeto nacionalista vitorioso da revolução mexicana de 1910. A conjuntura internacional foi decisiva para dar um conteúdo explosivo a essa situação. Ao mesmo tempo, os EUA tentavam desenvolver o programa “Aliança para o progresso”, uma chamada “revolução sem sangue ou revolução da liberdade”, mas apoiada nas ditaduras de Somoza na Nicarágua, de Batista em Cuba e de Trujillo da República Dominicana. E mesmo o governo de Eduardo Frei no Chile também era parte dessas tentativas de promover “revoluções pacíficas” no sentido dado pelos EUA. Um setor da juventude universitária também não deixava de se envolver pelo mito heróico das guerrilhas, que teve sua aura fortalecida pelo assassinato de Che Guevara em outubro de 1967 na Bolívia. O exemplo da revolução cubana de 1959 era um fato extraordinário para explicar o mesmo contexto histórico. No entanto, a maior parte da juventude estudantil universitária latino-americana podia contar com uma rica e longa tradição histórica pela liberdade, autonomia e democracia universitária. Esse passado será decisivo para explicar o 1968.

Durante o mês de setembro, o conflito tornou-se aberto e generalizado, questionando diretamente o sistema político nacional como antidemocrático. De fato, novas lideranças representativas ultrapassaram os diques formados pelas organizações tradicionais controladas pelo governo. A repressão brutal de 2 de outubro teve como justificativa o desafio

intolerável ao princípio da autoridade. Embora derrotados, os setores que se mobilizaram tiveram que ser considerados para continuidade estável do regime. O governo de Luiz Echeverría – na época ministro do interior e responsável direto pelo ataque – buscou integrar setores universitários ao Estado. O governo combateu brutalmente toda forma de contestação, ao mesmo tempo em que tentava cooptar parte da universidade com verbas e cargos políticos. De certa maneira, as iniciativas aventureiras promovidas por grupos de guerrilha urbana e outros movimentos políticos opositores do período poderiam ser vistos como continuidade da crise de 68. A reforma política de 1977 poderia ser vista como combinação do processo de volta à normalidade.<sup>12</sup>

O final da década de 1950 mostrava a articulação de um novo movimento social independente do governo. Essa situação ligava-se a uma conjuntura política latino-americana marcada por mobilizações após a Revolução Boliviana de 1952, mas principalmente pela vitoriosa revolução Cubana de 1959.

“A solução repressiva aos movimentos trabalhistas de 1958 e 1959 e o impacto da revolução cubana nos círculos políticos e intelectuais progressistas – alguns dos quais estavam ligados a Cárdenas – levaram o governo mexicano a manter uma política de não alinhamento frente às pressões norte-americanas contra aquela revolução”. A linguagem da retórica oficial buscava fortalecer uma imagem de Estado nacionalista e progressista. Uma característica marcante do nacionalismo mexicano contribuiu para a preservação da estabilidade interna, sem tentar ser verdadeiramente antagônico aos interesses dos EUA. Por exemplo, no verão de 1954, quando os EUA tentavam esmagar o governo de Jacobo Arbenz na Guatemala é condenando na OEA. O México não se somou em 1965, quando a República Dominicana foi invadida pelos marines, o governo mexicano condenou a invasão.<sup>13</sup> Além disso, a revolução cubana provocou a uma tentativa de se criar um movimento que representasse uma alternativa nacionalista e democrática: o movimento de libertação nacional que não conseguiu prosperar.<sup>14</sup> No último ano do governo de Ruiz Cortines ocorre uma série de movimentos reivindicatórios dos sindicatos dos telegrafistas, professores, petroleiros, ferroviários, além da ação dos estudantes. Como característica geral desses movimentos, além das reivindicações por aumento de salário, estava o questionamento dos dirigentes sindicais oficiais e a busca por uma organização mais democrática e independente do Estado. Os ferroviários converteram-se no núcleo dos setores operários contra o Estado.



<b>Quadro de aumento % das matrículas no ensino superior nas décadas de 1950 e 1960</b>	
México	mais de 150%
Chile	mais de 164%
Brasil	mais de 60%
Panamá	mais de 104,5%
Média da América latina no período	66,7%

Fonte: FERNANDES, Florestan, *Círculo fechado*, p. 163.

Outro problema que afetava as universidades era o descompasso entre as novas expectativas sociais e econômicas geradas por um desenvolvimento econômico ainda que subordinado e a consolidação de novos cursos profissionais necessários às novas funções da economia. Grande parte dos estudantes ingressantes buscava mais prestígio e honra do que as necessidades que a universidade visava atender. Em geral, os novos setores da pequena-burguesia que abriam espaço nas universidades adotavam os padrões das classes altas, baseados em privilégios e *status*. Com isso, as universidades tendiam a manter traços conservadores harmonizados com o funcionamento econômico subordinado do capitalismo internacional.<sup>15</sup> Essas contradições e choques latentes aguardavam um momento histórico de resolução ou, pelo menos, de expressão política.

Uma das características dos movimentos contestadores de 1968 foi que os setores novos não vinham, como antes, dos alicerces do sistema. Os setores operários e camponeses estavam em grande parte controlados por sindicatos oficiais, mas as camadas médias da pequena burguesia e principalmente dos estudantes e professores universitários, não. O surgimento de mobilizações de setores médios na vida política mexicana era um fenômeno novo na década de 1960. O controle exercido pelo governo sobre as organizações populares e operárias impedia que as forças políticas independentes avançassem sobre grupos sociais desorganizados e marginais da cidade com o relativo sucesso. O principal descontentamento concentrava-se em setores operários mais organizados, como os ferroviários ou setores da pequena burguesia, como os professores do ensino primário. Esses movimentos sociais participaram no grande enfrentamento de 1968.<sup>16</sup> Tudo ocorreu no coração do país, na cidade do México. A repressão de julho contra uma manifestação estudantil com quase nenhum conteúdo político teria exacerbado o profundo e tradicional descontentamento político da classe média.<sup>17</sup>

A universidade latino-americana sofria e era exposta a formas sistemáticas e institucionalizadas de repressão e opressão expressas nas tendências conservadoras do corpo docente. A fermentação do movimento estudantil crescia em um ambiente internacional

revolucionário, mas que localmente se movia nos quadros do autoritarismo institucionalizado do regime mexicano. A mobilização dos estudantes mexicanos desenvolveu-se entre julho e outubro de 1968, às vésperas da abertura das olimpíadas no país. O movimento foi uma síntese contraditória da conjuntura internacional, do desenvolvimento das universidades no continente e do esgotamento do regime revolucionário mexicano saído da revolução de 1910-1917. As décadas imediatamente anteriores a 1968 podem nos fornecer os fios históricos mais profundos para explicar o massacre estudantil de 1968.

Numa primeira etapa das mobilizações, em 22 de julho, ocorre o enfrentamento entre estudantes da UNAM (Universidade Nacional Autônoma do México) e Instituto Politécnica contra os estudantes de um curso preparatório local. Dois dias depois, em 24 de julho, ocorre a repressão da polícia no *campus*, ferindo a autonomia universitária. Em 26 de julho, a Federação Nacional dos Estudantes Técnicos, controlada pelo partido do governo, é obrigada a chamar uma manifestação de protesto contra a repressão e ocupação da polícia. A manifestação ocorre no mesmo momento em que outro grupo de estudantes, ligado ao partido comunista, realizava uma comemoração da revolução cubana. Um grupo de estudantes – cerca de 5000 – decide dirigir-se à praça central do México. A reivindicação central era inicialmente dirigida contra a repressão e pela libertação de todos os estudantes presos.

A federação, que buscava representar cerca de 75.000 estudantes, combatia as diferentes tendências de esquerda do movimento e, durante o período das negociações, a polícia, com sua contumaz pouca habilidade política, divulgou que a própria federação havia solicitado a invasão do *campus* universitário e a repressão à mobilização dos estudantes ligados às organizações de esquerda. O resultado imediato dessa informação foi a desmoralização quase que completa da federação ante o movimento. Foi criado em seguida um Comitê de Coordenação da Greve Geral, eleito em assembléias e com mandato democrático para dirigir o movimento.

No dia 27 de julho, os estudantes decidem ocupar vários locais da UNAM. Dois dias depois, a polícia inicia a busca de “anarquistas franceses” ligados às revoltas do maio francês. São presos cerca de 1000 estudantes e mais de 400 são feridos durante a repressão. Os estudantes respondem com a decretação da greve geral em várias universidades do país. O movimento ganha crescente dimensão política. No dia 30 de julho, o governo muda de tática ante a ampliação do movimento e decide negociar com a federação oficial, mas mantém presos 14 militantes estrangeiros.

No dia 9 de agosto, um Conselho Nacional de Greve é formado. No dia 27 de agosto, ocorre uma manifestação gigantesca na praça central da cidade do México, com a presença de mais de 400.000 pessoas. A mobilização agora também se irradia socialmente

e atrai várias categorias de trabalhadores. No dia 30 de agosto, o conselho universitário da UNAM decide apoiar as reivindicações dos estudantes pelo fim da repressão e pela libertação dos presos.

A confederação dos trabalhadores mexicanos, controlada pelo governo, coloca-se frontalmente contra a mobilização de massa e declara que “o movimento é francamente subversivo”. A repressão do governo cresce. Um cerco político contra os estudantes é montado. Mas a resistência continua e o Conselho Nacional de Greve decide realizar uma nova grande manifestação marcada para 13 de setembro. O movimento assume um caráter político nacional e nele se engajam agora trabalhadores, jovens, movimentos populares e sindicais independentes. O Conselho de Greve propõe ao governo um diálogo público nacional para discutir as reivindicações e soluções, mas o governo decide retomar a escalada de repressão. No dia 23 de setembro, o reitor da UNAM, Javier Barros Sierra, demite-se após a decisão do governo de ocupar a universidade com mais de 10.000 soldados. O movimento criara uma situação revolucionária que previa um desenlace dramático.

Em 2 de outubro, os estudantes, que estavam em greve há nove semanas, realizam uma nova manifestação empunhando cravos vermelhos. O exército consegue cercar aproximadamente 5000 manifestantes. Muitos estavam acompanhados de suas famílias e diferentes categorias sindicais traziam delegações à praça das três culturas, conhecida como Tlatelolco. Sob cerco, os manifestantes foram alvejados por balas e bombas como resposta às suas reivindicações. Até os dias de hoje há muitas controvérsias sobre os números de pessoas assassinadas.<sup>18</sup> Alguns autores apontaram entre 200 e 300 mortos, embora o governo afirmasse que apenas quatro pessoas tenham morrido e vinte tivessem sido feridas. O massacre de Tlatelolco foi um golpe de força para esmagar com o sangue um processo revolucionário em andamento.

*Recebido em Março/2008; aprovado em Maio/2008.*

### Notas

\* Professor doutor em História da Universidade de Guarulhos.

<sup>1</sup> MATOS, Olgária. A política não foi o solo desse movimento, in: *1968: a imaginação no poder*, p. 10

<sup>2</sup> SEVCENKO, Nicolau. Ninguém pretendia conquistar o poder, in: *1968: a imaginação no poder*, p.20

<sup>3</sup> SADER, Emir. Os anos 60 foram eminentemente políticos, in: *1968: a imaginação no poder*, pp. 24-26

<sup>4</sup> COGGIOLA, Osvaldo. História, mitos, utopias, in: *1968: a imaginação no poder*.

<sup>5</sup> Uma das explicações para a ruptura seria a de que havia uma crise de crescimento pela incapacidade do capitalismo em satisfazer as necessidades da massa de jovens que viviam uma elevação no seu nível médio de vida, além das necessidades de consumo de uma mão-de-obra cada vez mais qualificada, posição defendida por Ernest Mandel, principalmente. Ver Coggiola, op. cit.

<sup>6</sup> COGGIOLA, op. cit.

<sup>7</sup> GOUJON, Gerard. Crise capitalista e revolução: o maio francês de 1968, *Revista Estudos* n. 34, São Paulo, novembro 1992, p. 54.

<sup>8</sup> Ibid.

<sup>9</sup> COGGIOLA, op. cit, p. 31

<sup>10</sup> BROUÉ, Pierre, *A primavera dos povos começa em Praga*.

<sup>11</sup> Ibid.

<sup>12</sup> CAMÍN, Héctor Aguilar e MAYER, Lorenzo. *A sombra da revolução mexicana*, p. 250.

<sup>13</sup> AGUILAR e MEYER, op. cit, p. 1339

<sup>14</sup> CAMPO, Julio Labastida del. Da unidade nacional ao desenvolvimento estabilizador (1940-1970). In: CASANOVA, Pablo González. *América latina meio século*, volume 4, p. 299-301.

<sup>15</sup> Ibid., p. 299.

<sup>16</sup> Ibid., p. 303.

<sup>17</sup> Ibid., p. 304.

<sup>18</sup> MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, p. 86

<sup>19</sup> MARIÁTEGUI, op. cit, pp. 88-89, nota que apesar das diversas opiniões sobre a reforma universitária como um movimento de classe média, vários setores estudantis se aproximaram do proletariado desenvolvendo propostas como as universidades populares: “saíram da universidade, em todos os países latino-americanos, grupos de estudantes de economia e sociologia que puseram seus conhecimentos à serviço do proletariado, emprestando a este, em alguns países, uma direção intelectual que antes havia faltado”.

<sup>20</sup> MARIÁTEGUI, op. cit., pp. 89-90.

<sup>21</sup> Ibid., p. 111.

<sup>22</sup> FERNANDES, Florestan, *Circuito fechado*, p. 149.

<sup>23</sup> Ibid., p. 150.

<sup>24</sup> Ibid., p. 151.

<sup>25</sup> Ibid., p. 157.

<sup>26</sup> FERNANDES, op. cit., p. 188

<sup>27</sup> CAMIN e MEYER, op. cit., p. 1354.

<sup>28</sup> Ibid., p. 249. Segundo a interpretação de alguns autores, o movimento de 1968 guarda relação com movimento vasconcelista de 1929, como mais um movimento da classe média politizada por democracia, hipótese que tende a diminuir e esvaziar o conteúdo de crise política maior dos movimentos.

<sup>29</sup> Em outubro de 1997, o congresso mexicano criou uma comissão de investigação em que, em junho de 2006, o ex-presidente Luís Echeverría, na época do massacre ministro do interior, foi condenado à prisão domiciliar.